

## Editorial

A primeira referência ao termo *Kairós* data do século V a.C., mais especificamente de um hino em homenagem ao filho caçula de Zeus que, por sua rapidez, era considerado o símbolo do instante presente, do fugidio tempo do agora. Em uma narrativa posterior, *Kairós* foi representado como o filho de Chronos, sendo concebido como o metafórico momento ideal para a consecução de algo.

Na filosofia cristã, *Kairós* passou a ser associado ao tempo de Deus, ou seja, a eternidade, um tempo não-cronológico, ínsito ao Transcendente. Essa leitura se coaduna com a letra bíblica, posto que o termo aparece em diversas ocasiões no Novo Testamento, quando se lê que o tempo – *kairous* – pertence ao Divino, de tal modo que as épocas oportunas são conhecidas apenas por Ele.

Na contemporaneidade o tempo também foi objeto de investigação. Ao analisar o pensamento, a filósofa alemã Hannah Arendt argumentou que o momento efêmero que abriga a reflexão é o *nunc stans*, o intervalo temporal em que os homens tecem os fios de sua existência. Nessa leitura, o tempo próprio da reflexão, o instante em que ele acontece, é o intervalo entre o passado e o futuro, o agora, o *kairós*. Esse agora permanente kairosiano é, assim, o profícuo período em que pensar é possível.

Partindo da ideia de que o tempo oportuno para a reflexão é o insondável instante do agora, em 2004 a Faculdade Católica de Fortaleza lançou a *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha*. O periódico científico foi criado com a *anima* de oferecer aos pesquisadores pós-graduandos e pós-graduados um espaço de debate, de estudos abalizados por um renomado Comitê Científico e Editorial. Desde então, dezoito volumes foram publicados e mais de duzentos artigos compuseram o *corpus* da revista. A estes, já amplamente difundidos e citados, somam-se mais doze textos apresentados no presente número.

Neste volume de *Kairós: Revista Acadêmica da Prainha* é reiterada a característica que marca as edições do periódico: a pluralidade de temas, de localização geográfica de autores e, por conseguinte, de instituições de ensino superior envolvidas. No campo filosófico, abrilhantam o presente volume os artigos *A aversão à pobreza e a relação com as coisas como determinantes nas relações morais*, de Mariana Rocha Bernardi e Thailize Brandolt da Rocha; *Aborto e regras de*

*determinação: uma crítica da analogia do violinista de J. Thomson a partir de argumentos dedutivos*, de Gustavo Albuquerque; *A fenomenologia: de Husserl a Heidegger*, de Dilson Brito da Rocha, João Paulo Martins e Maria Luísa Ramalho Ferreira da Silva; *Heidegger e o esquecimento do ser e a retomada da questão do sentido do ser em geral*, de Antonio Joel Lima da Silva; *Nietzsche, Fink e Bachelard: metáfora, símbolo e imagem poética*, de Pedro Olivieri Fonseca; *O estranhamento e as solicitações do mundo-da-vida: o outro na constituição da ipseidade*, de Bruno Fleck da Silva; *Paul Ricoeur e a filosofia reflexiva – uma introdução*, de Mário Correia.

A interdisciplinaridade é marca indelével da argumentação dos artigos *A alegoria da caverna e a educação em Platão: o educador como libertador da ignorância*, de Elves Boteri; *A literatura de cordel numa perspectiva descolonial: o jeito brasileiro de fazer*, de Genildo Santana; *Transcendendo a Biologia na singularidade: cenários e implicações éticas*, de Moisés Bueno Farias Neto. Além destes artigos, linhas teológicas podem ser lidas em *Metodologia dos encontros intereclesiais: partilha de experiências e reflexões das comunidades*, de Marilza Lopes Schuína. Por fim, uma valiosa contribuição ancorada no marco teórico da Psicologia Social encerra esse número: *Representações Sociais da educação de jovens e adultos: uma revisão de literatura*, de Denise Dias Martins.

Apraz-nos aumentar a fileira daqueles que consideram que tempos tão difíceis são, na mesma medida, oportunos – tais como o *kairós* – para a reflexão e a pesquisa.

Desejando uma excelente leitura,

Os Editores